

A VULNERABILIDADE AO ESTRESSE OCUPACIONAL DOS PROFISSIONAIS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA EM SAÚDE

Luísa Vitória SIMIONI¹
Aryane Leinne Oliveira MATIOLI²
aryanematioli@fag.edu.br

RESUMO

Este estudo teve como objetivo verificar se os profissionais da área da saúde com idades entre 21 a 52 anos com ou sem formação na área, atuantes na Atenção Primária em Saúde (APS) de um município de pequeno porte da região oeste do Paraná, estão vulneráveis ao estresse ocupacional. Para o levantamento de dados, foi utilizada a Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho (EVENT) e, 23 profissionais, que permitiu a análise geral do problema, assim como de três fatores organizacionais relacionados ao estresse: O funcionamento e clima organizacional; A Pressão no Trabalho; Infraestrutura e rotina. Os dados interpretados de acordo com o grau de escolaridade de cada participantes forneceram três níveis de vulnerabilidade, onde a média dos que possuem ensino superior completo e/ou especialização foram classificados no nível médio superior, os com ensino médio completo e/ou técnico no nível médio inferior e o participante com ensino médio incompleto no nível médio superior. Quanto aos três fatores avaliados pela escala, o funcionamento e clima organizacional e a infraestrutura e rotina foram os que apresentaram níveis médio superior a superior em mais de 50% dos profissionais. Entretanto, resultados individuais obtidos foram dispersos, a classificação dos níveis de vulnerabilidade oscilou de superior ao inferior, tanto dentro de grupos divididos por grau de escolaridade quanto entre os 23 participantes da pesquisa. Por isso, pode-se compreender que estes 23 profissionais da APS se encontram vulneráveis ao estresse ocupacional, mesmo alguns apresentando resultados inferiores na EVENT, ninguém zerou a escala para que não houvesse vulnerabilidade.

Palavras-chave: Vulnerabilidade ao Estresse; Estresse Ocupacional; Atenção Primária em Saúde.

¹. Acadêmica do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário FAG.
E-mail: lvsimioni@minha.fag.edu.br

². Psicóloga, Orientadora, Mestre em Psicologia, Docente do Centro Universitário FAG. E-mail: aryanematioli@fag.edu.br

THE OCCUPATIONAL STRESS VULNERABILITY OF PRIMARY HEALTH CARE PROFESSIONALS

Luísa Vitória SIMIONI¹
Aryane Leinne Oliveira MATIOLI²
aryanematioli@fag.edu.br

ABSTRACT

This study had to objective verify if the health area professionals aged between 21 and 52 years with or without formation in the area, working in the Primary Health Care (PHC) of a small municipality from the western region of Paraná, are vulnerable to occupational stress. For data collection, was used the Work Stress Vulnerability Scale (WSVS) in 23 professionals, that enabled the general analysis of the problem, as well as three organizational factors related to stress: The Operation and Organizational Climate; The Work Pressure; Infrastructure and Routine. The interpreted data according to the education level of each participant provide three vulnerability levels, where the average of those who have superior complete and/or specialization were classified in the upper middle level, those with complete high school and/or technical in the lower middle level and the participant with uncompleted high school in the upper middle level. About the three factors assessment by the scale, the operation and organizational climate and the infrastructure and routine were those who presented upper middle and upper levels in more than 50% of the professionals. However, the individual results were dispersed, the classification of vulnerability levels ranged from upper to lower, as within the divided education level groups as among the 23 participant of the research. Therefore, it can be understood that these 23 PHC professionals are vulnerable to occupational stress, even some with lower results in the WSVS, no one zeroed the scale so that there would be no vulnerability.

Key words: Stress Vulnerability; Occupational Stress; Primary Health Care.

¹. Acadêmica do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário FAG.
E-mail: lvsimioni@minha.fag.edu.br

². Psicóloga, Orientadora, Mestre em Psicologia, Docente do Centro Universitário FAG. E-mail: aryanematioli@fag.edu.br

INTRODUÇÃO

A Atenção Primária em Saúde (APS) é caracterizada por ser a porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS), oferecendo serviços que contemplam a população tanto de forma individual quanto coletiva. Os objetivos da Atenção Primária em Saúde estão focados na detecção precoce e no rastreio de doenças, redução de riscos (ou manutenção de baixo risco), prevenção e promoção da saúde, diagnóstico, tratamento, e no processo de reabilitação. Sendo assim, os profissionais que integram as instituições e os serviços da APS precisam conhecer o processo de saúde, que envolve o contato e a experiência com o adoecer e o sofrimento gerado por ele, assim como estar ciente das dinâmicas socioculturais e estilos de vida em que esta população está inserida. (MINISTÉRIO DA SAÚDE et al, 2006)

No ano de 2022, a instituição Fiocruz do Mato Grosso do Sul, em parceria com a Fiocruz de Brasília, divulgou um relatório parcial sobre um estudo envolvendo 800 profissionais da saúde de Brasília, em que 65% apresentam sintomas do Transtorno de Estresse, 61,6% de ansiedade e 61,5% de depressão, sendo o estresse um dos fatores presentes no desenvolvimento e agravamento dos dois últimos transtornos. Segundo Lipp e Malagris (2004), níveis elevados de estresse vivenciados a longo prazo tendem a gerar prejuízos na qualidade de vida do ser humano, causando problemas nas relações sociais e familiares, bem como levar o indivíduo a sentir-se desmotivado, desencadear problemas de saúde tanto orgânicos quanto psicológicos e também dificuldades no trabalho.

O estresse, de acordo com o Ministério da Saúde (2012), é uma reação natural desencadeada por situações que oferecem risco ou perigo ao indivíduo, considerada como necessária para o desenvolvimento e adaptação em novos ambientes/ contextos.

Segundo Ballone (2001), a sintomatologia do estresse é caracterizada pelo aumento da pressão arterial e da frequência cardíaca, respiração acelerada e broncodilatação, hipotermia nas mãos acompanhada de sudorese, incômodo gastrointestinal, dilatação das pupilas, dores musculares, aumento dos níveis de glicose no sangue, são alguns dos sintomas que se manifestam organicamente no indivíduo.

Mesmo sendo um processo ligado à natureza humana, segundo Marras e Veloso (2010), em decorrência da globalização, pode-se observar que o estresse a

longo prazo, corrobora com desenvolvimento de várias enfermidades tanto orgânicas quanto psíquicas, e gera preocupação nas organizações e nos profissionais da saúde ao redor do mundo no século XXI. Isso ocorre porque quando vivenciado cronicamente, aumenta a probabilidade de desenvolver problemas gástricos, cardíacos, imunológicos entre outros, além de alterações de caráter psicológico como mudanças no humor, nos processos cognitivos, nas relações interpessoais, no desempenho, na produtividade, na proatividade e na motivação para a realização das tarefas laborais e corriqueiras (RINALDI, 2007).

Nesse sentido, nos últimos anos, foram realizados estudos sobre o estresse mas com ênfase no campo organizacional, sendo esse fenômeno denominado “estresse ocupacional”, o qual, segundo a Organização Mundial da Saúde, é o responsável por 120 milhões de acidentes ocupacionais, dos quais 200 mil são fatais, e esse fenômeno também está relacionado com aproximadamente 68 a 157 milhões de casos de doenças existentes no ambiente de trabalho (RINALDI, 2007).

O estresse ocupacional é um fenômeno complexo, que envolve tanto aspectos internos quanto externos aos indivíduos, e segundo Bernal (2010), algumas características intrínsecas dos indivíduos podem torná-los mais suscetíveis, mas identificou-se alguns fatores em comum dentro dos ambientes de trabalho que estão diretamente ligados ao estresse. Dos fatores citados por Bernal (2010), alguns estão intimamente relacionados a cargos e funções naturalmente estressantes que envolvem tomada de decisões sobre si e sobre outrem; mudanças constantes entre funções distintas; necessidade de ser responsável por outras pessoas, etc. Vale acrescentar que o excesso de trabalho, assim como a falta do mesmo, ambientes de trabalho desagradáveis; falta de rotina e constantes mudanças dentro das organizações; falta de oportunidades que possibilitem o desenvolvimento profissional e progressão de carreira; dificuldade em conciliar a vida profissional com a vida pessoal, estando uma sobreposta a outra; autocrítica quanto ao desempenho; desamparo social, que pode levar ao isolamento ou ao desprezo social e a falta de espaço dos colaboradores nas tomadas de decisões, que os afetarão diretamente; corroboram muito para desencadeamento e manutenção do estresse entre os colaboradores e a instituição.

Quando o estresse se torna crônico, segundo Arantes e Vieira (2010) e estudos realizados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) nos anos de 2003 e 2005,

divulgados em 2007, os acometidos podem desenvolver estratégias distintas para lidar com esse fenômeno e conseguir dar continuidade em sua atividade laboral. Contudo, nem sempre o resultado das estratégias de defesa psíquica do sujeito é deveras vantajoso, porque como consequência podem emergir manifestações psicossomáticas, que interferem no humor, na quantidade e qualidade do sono, níveis de ansiedade desregulados, dores crônicas tanto difusas quanto localizadas, tendo como exemplo quadros de fibromialgia, problemas na coluna cervical, torácica e lombar, disfunções neurológicas, gastrointestinais e motoras, que, a longo prazo, podem levar ao afastamento parcial ou definitivo do colaborador em virtude do surgimento de doenças graves e/ ou degenerativas agravadas pelo estresse.

O contato diário com doenças e sofrimentos, independente de qual seja sua natureza, requer muita cautela e responsabilidade, principalmente quando um erro pode afetar a vida do paciente e de todos ao seu redor. Frente a isso, Arantes e Vieira (2010), afirmam que os profissionais que prestam serviços à população em geral, em especial os da saúde, ficam expostos e/ou vulneráveis à doenças, sofrimento, dor, contato com o risco de morte e/ou contaminação do profissional ou de quem usufrui do serviço, etc. Isso acaba colocando-os em um grupo de risco, sujeitos a sofrerem com a exaustão física, mental e com o estresse. E quando vivenciados cronicamente, tendem a corroborar no desenvolvimento de doenças e alguns distúrbios ligados a esses fatores, porque a responsabilidade exigida ao lidar com vidas humanas torna-se tão estressante quanto a exigida ao lidar com máquinas, papéis e números, por exemplo. Cabe salientar que o impacto dos agentes potencialmente estressores é subjetivo, ou seja, depende da percepção individual que cada pessoa tem acerca destes agentes. Logo, os efeitos sobre aquele que o experiencia pode variar, enquanto para alguns o estresse intenso pode emergir, para outros ele pode ser tolerável ou simplesmente imperceptível como algo estressante (COSNER *et al*, 2003).

Um estudo realizado por Matos e Araújo (2021), sobre a vulnerabilidade desses profissionais ao estresse em ambientes hospitalares, fazendo-se uso da ferramenta EVENT, apontou que a totalidade dos dados referentes foi de 32,36 (DP= 10,4), ou seja, a amostra avaliada apresentou níveis de vulnerabilidade médio superior, e dentre os aspectos avaliados separadamente pela ferramenta, o clima e funcionamento organizacional mostraram-se potencialmente estressores, cujos

resultados enquadram-se no nível médio superior, a pressão no trabalho, a infraestrutura e a rotina apresentaram, respectivamente, níveis médio, inferior e médio.

Segundo a reportagem de Gandra (2021), para Agência Brasil em 2020, o Conselho Federal de Medicina (CFM) realizou uma pesquisa com 1.600 médicos, entre os meses de setembro a dezembro. Os resultados revelaram um grande aumento nos níveis de estresse dessa população. Sendo que 22% da amostra apontou que o principal fator que corroborou para esse aumento foi a pandemia da Covid-19. Dos pesquisados, 96% relataram que a pandemia afetou tanto sua vida profissional quanto pessoal. Cerca de 22% atuavam na rede pública, 24% na rede privada e 54% em ambos.

Nesse sentido, a presente pesquisa teve como objetivo geral verificar se os profissionais da APS estão vulneráveis ao estresse ocupacional, e teve como objetivos específicos aplicar a Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho (EVENT) nesses profissionais, classificar os níveis de vulnerabilidade ao estresse e verificar quais os aspectos organizacionais avaliados pela EVENT apresentaram maior *score*.

2 MÉTODOS

Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, por meio dos contatos disponibilizados pela secretária municipal de saúde, foram contatados os 35 profissionais que se enquadraram nos seguintes critérios de inclusão: ser atuante na área da saúde formado ou não na área, ter idade entre 18 a 54 anos e estar alocado em uma instituição de APS, sendo elas a Unidade Básica de Saúde (UBS), Unidade de Saúde da Família (USF) ou Secretaria Municipal de Saúde de um município localizado na região oeste do Paraná. Em seguida, foram agendados os horários de acordo com a disponibilidade de cada participante, para explicar sobre a pesquisa e a importância dela, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Conforme o cronograma do projeto de pesquisa, foi realizada a aplicação coletiva ou individual. Entretanto, apenas 23 dos 35 profissionais aceitaram participar da pesquisa, sendo então: 65% mulheres (N=15) e 35% homens (N=8) com idade entre 21 a 52 anos. Em relação ao grau de escolaridade desses

profissionais, 4% (N=1) possui Ensino Médio incompleto, 34,8% (N=8) apresentam Ensino Médio completo e 30,4% (N=7) possuem Ensino Superior completo e/ou Especialização.

Para a coleta de dados foi utilizada a Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho (EVENT), um teste psicométrico, contendo 40 situações de trabalho que avalia três fatores organizacionais:

- 1- O Funcionamento e Clima Organizacional;
- 2- A Pressão no Trabalho;
- 3- Infraestrutura e Rotina.

Sua finalidade é a de identificar o quanto esses fatores, assim como cada situação apresentada, tornam o participante vulnerável ao estresse relacionado ao trabalho de forma geral ou fatorial em níveis de vulnerabilidade - identificados por meio do score obtido pela aplicação da escala- que são:

- Nível de vulnerabilidade inferior;
- Nível de vulnerabilidade médio inferior;
- Nível de vulnerabilidade médio;
- Nível de vulnerabilidade médio superior;
- Nível de vulnerabilidade superior.

É importante salientar que esse instrumento avaliativo é de uso privativo da psicologia, por isso é vetado pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) a divulgação detalhada dos protocolos de aplicação e correção ao público.

Após a aplicação, foram realizadas as correções das folhas respostas de acordo com as tabelas normativas do manual por grupo de profissões, os quais estão relacionados também ao grau de escolaridade, por isso foi necessário durante a correção, separar os participantes pelo grau de escolaridade, e também para maior precisão dos resultados e melhor tabulação dos dados obtidos. Nesse sentido a separação dos profissionais por grupo se deu da seguinte maneira:

- Grupo 1: profissionais com Ensino Superior Completo e/ou Especialização;
- Grupo 2: profissionais com Ensino Médio Completo e/ou Técnico;
- Grupo 3: profissional com Ensino Médio Incompleto.

A análise teve base descritiva dos resultados gerais assim como os três fatores de forma isolada, expondo-os por meio de tabelas e gráficos de setores.

3 RESULTADOS

A média dos *scores* gerais por grau de escolaridade obtidos, mostraram uma variedade considerável nos níveis de vulnerabilidade (tabela 1), no qual os profissionais com Ensino Superior Completo e/ou Especialização (Grupo 1: N=14; 61%) foram classificados no nível médio superior de vulnerabilidade ao estresse com 31 pontos. Os profissionais com Ensino Médio Completo e/ou Técnico (Grupo 2: N=8; 35%) encontram-se no nível Médio Inferior com 34 pontos, enquanto o profissional com Ensino Médio Incompleto (Grupo 3: N=1; 4%) encontra-se no nível de vulnerabilidade Médio Superior com 35 pontos na EVENT.

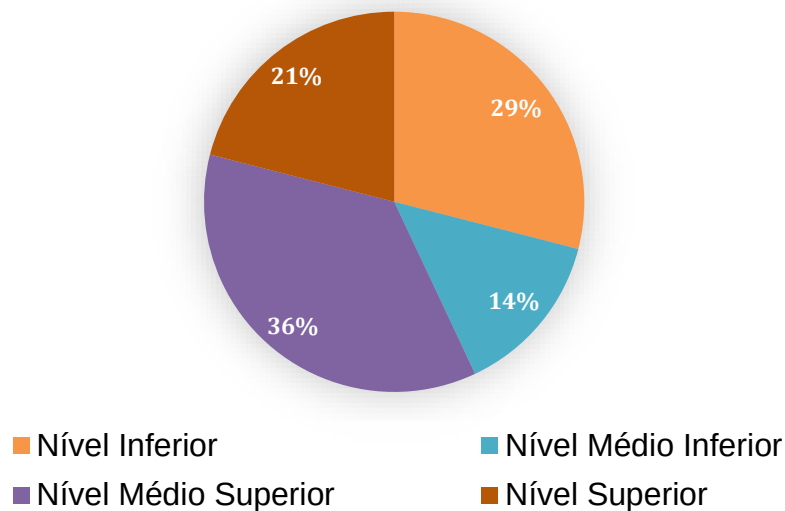
Tabela 1- Grau de Escolaridade, quantidade de profissionais, pontuação média e seus níveis de vulnerabilidade ao estresse no trabalho

Grau de Escolaridade	Quantidade de Profissionais	Média da Pontuação	Nível de Vulnerabilidade ao Estresse
Ens. Méd. Incompleto	4% (N=1)	35 pts	Nível Médio Superior
Ens. Méd. Comp. e/ou Técnico	35% (N=8)	34 pts	Nível Médio Inferior
Sup. Comp. e/ou Esp.	61% (N=14)	31 pts	Nível Médio Superior

Ens: Ensino; Méd: Médio; Comp: Completo; Sup: Superior; Esp: Especialização; Pts: Pontos; %: Porcentagem; N: Número de participantes

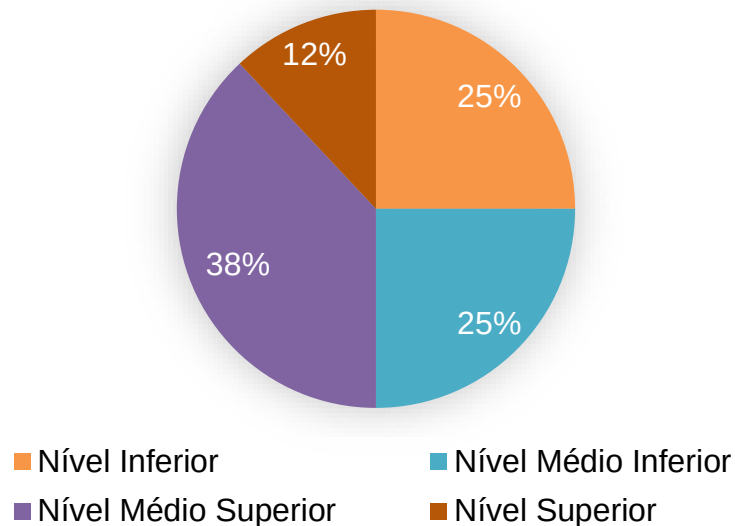
Ao analisar individualmente o Grupo 1 de profissionais com Ensino Superior Completo e/ou Especialização (N=14), percebe-se uma variância entre os níveis de vulnerabilidade, em que 29% (N=4) encontram-se no nível inferior de vulnerabilidade, 14% (N=2) no nível médio inferior de vulnerabilidade, 36% (N=5) no nível médio superior de vulnerabilidade e 21% (N=3) no nível superior de vulnerabilidade (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Variância nos níveis de vulnerabilidade ao estresse no trabalho nos profissionais com Ensino Superior completo e/ou Especialização (Grupo 1)



Quanto ao Grupo 2, formado por profissionais com Ensino Médio completo e/ou Técnico (N=8), houve similaridade com os níveis de vulnerabilidade ao estresse no trabalho identificados no Grupo 1, apenas os percentis sofreram alterações, sendo que 25% (N=2) encontram-se no nível inferior de vulnerabilidade, 25% (N=2) no nível médio inferior de vulnerabilidade, 37% (N=3) nível médio superior de vulnerabilidade e 12% (N=1) no nível superior de vulnerabilidade ao estresse no trabalho (Gráfico 2). Já o profissional com Ensino Médio Incompleto (N=1) encontra-se no nível médio superior de vulnerabilidade ao estresse no trabalho.

Gráfico 2 - Variância entre os níveis de vulnerabilidade ao estresse no trabalho nos profissionais com Ensino Médio completo e/ou Técnico (Grupo 2)



Quanto aos três fatores avaliados pelo teste EVENT, os dados gerais obtidos apontam que em relação ao Fator 1 (Funcionamento e Clima Organizacional) o Grupo 1, de profissionais com Ensino Superior Completo e/ou Especialização, apresentaram uma média de 14 pontos que equivale ao nível médio superior na escala de vulnerabilidade. No Grupo 2, de profissionais com Ensino Médio Completo e/ou Técnico, a média foi de 16 pontos, equivalente ao nível médio na escala de vulnerabilidade. Já o profissional do Grupo 3, com Ensino Médio incompleto, encontra-se no nível médio inferior de vulnerabilidade ao estresse no trabalho, com 14 pontos na EVENT (Tabela 2).

Tabela 2 - Média das pontuações e seus respectivos níveis de vulnerabilidade ao estresse no trabalho referente ao Fator 1 (Funcionamento e Clima Organizacional) por grau de escolaridade

Grau de Escolaridade	Média	Nível de Vulnerabilidade ao Estresse
Ens. Méd. Incompleto	14 pts	Nível Médio Inferior
Ens. Méd. Comp. e/ou Técnico	16 pts	Nível Médio
Sup. Comp. e/ou Esp.	14 pts	Nível Médio Superior

Ens: Ensino; Méd: Médio; Comp: Completo; Sup: Superior; Esp: Especialização; Pts: Pontos.

Dentro do Fator 1 nos três grupos houve quatro níveis distintos na escala de vulnerabilidade. Entre os profissionais do Grupo 1, com Ensino Superior completo e/ou Especialização (N=14), 21% (N=3) encontram-se no nível inferior, 14% (N=2) no nível médio inferior, 29% (N=4) no nível médio superior e 36% (N= 5) no nível superior de vulnerabilidade ao estresse. No Grupo 2, dos profissionais com Ensino Médio Completo e/ou Técnico (N=8), 12% (N=1) apresentou nível inferior de vulnerabilidade ao estresse no trabalho, 25% (N=2) nível médio inferior, 25% (N=2) nível médio superior e 37% (N=3) nível superior. O profissional com Ensino Médio Incompleto (Grupo 3) apresentou nível médio inferior de vulnerabilidade ao estresse na escala (Tabela 3).

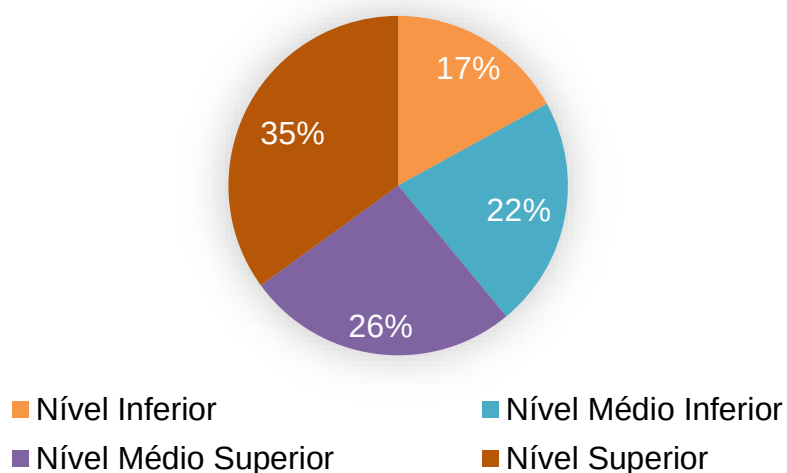
Tabela 3 - Porcentagem de profissionais separados por grau de escolaridade nos níveis de vulnerabilidade ao estresse no trabalho relacionados ao Fator 1 (Funcionamento e Clima Organizacional)

Fator 1: Níveis de Vulnerabilidade	Ens. Méd. Incompleto	Ens. Méd. Completo e/ ou Técnico	Ens. Sup. Com. e/ou Esp.
Nível Inferior	100% (N=1)	12% (N=1)	21% (N=3)
Nível Médio Inferior	x	25% (N=2)	14% (N=2)
Nível Médio Superior	x	25% (N=2)	29% (N=4)
Nível Superior	x	37% (N=3)	36% (N=5)

Ens: Ensino; Méd: Médio; Sup: Superior; Esp: Especialização; %: porcentagem; N: Número de participantes; X: Sem dados.

Em uma análise geral dos resultados dos três grupos de profissionais separados por grau de escolaridade (N=23), 17% (N=4) estão no nível inferior, 22% (N=5) no nível médio inferior, 26% (N=6) no nível médio superior e 35% (N=8) no nível superior de vulnerabilidade ao estresse no trabalho (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Dados gerais dos 23 profissionais independentemente do grau de escolaridade referente ao nível de vulnerabilidade ao estresse no trabalho no fator 1 (Funcionamento e Clima Organizacional)



O segundo fator avaliado pela EVENT é a pressão no trabalho, a média dos profissionais com Ensino Superior completo e/ou Especialização (Grupo 1) foi de 9 pontos, que corresponde ao nível médio inferior de vulnerabilidade ao estresse no trabalho na escala. Os que possuem Ensino Médio completo e/ou Técnico (Grupo 2) foi de 12 pontos, correspondendo ao nível médio inferior de vulnerabilidade ao estresse no trabalho na escala. O profissional com Ensino Médio incompleto obteve 14 pontos, indicando o nível médio superior na escala de vulnerabilidade ao estresse no trabalho na escala.

Tabela 4 - Média das pontuações nos três grupos divididos por grau de escolaridade e seus respectivos níveis de vulnerabilidade ao estresse no trabalho referente ao Fator 2 (A Pressão no Trabalho) avaliado pela EVENT

Grupo por Grau de Escolaridade	Média das pontuações	Nível de Vulnerabilidade ao Estresse no Fator 2
Ens. Méd. Incompleto	14 pts	Nível Médio Superior
Ens. Méd. Comp. e/ou Técnico	12 pts	Nível Médio Inferior
Sup. Comp. e/ou Esp.	9 pts	Nível Médio Inferior

Ens: Ensino; Méd: Médio; Comp: Completo; Sup: Superior; Esp: Especialização; Pts: Pontos;

No segundo fator, quando analisado separadamente os grupos, observa-se que os níveis da escala tendem a oscilar. Entre os profissionais com Ensino Superior Completo e/ou Especialização (Grupo 1: N=14), 36% (N=5) se encontram no nível inferior, 50% (N=7) no nível médio inferior, 7% (N=1) no nível médio e 7% (N=1) no nível médio superior de vulnerabilidade ao estresse no trabalho segundo a escala. Entre os profissionais com Ensino Médio Completo e/ou Técnico (Grupo 2: N=8), 37% (N=3) encontram-se no nível inferior, 50% (N=4) no nível médio inferior e 13% (N=1) no nível médio superior de vulnerabilidade ao estresse no trabalho segundo a escala. O profissional com Ensino Médio incompleto (Grupo 3: N=1), apresentou o nível médio superior de vulnerabilidade ao estresse no trabalho (Tabela 5).

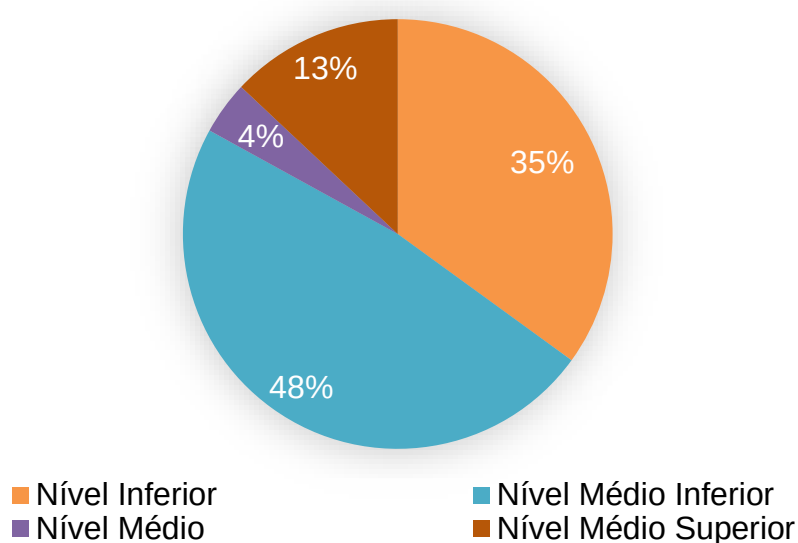
Tabela 5 - Porcentagem de profissionais separados por grau de escolaridade nos níveis de vulnerabilidade ao estresse no trabalho relacionados ao Fator 2 (A Pressão no Trabalho) avaliado pela EVENT

Fator 2: Níveis de Vulnerabilidade ao Estresse	Ens. Méd. Incompleto	Ens. Méd. Completo e/ ou Técnico	Ens. Sup. Com. e/ou Esp.
Nível Inferior	x	37% (N=3)	36% (N=5)
Nível Médio Inferior	x	50% (N=4)	50% (N=7)
Nível Médio	x	x	7% (N=1)
Nível Médio Superior	100% (N=1)	13% (N=1)	7% (N=1)

Ens: Ensino; Méd: Médio; Sup: Superior; Esp: Especialização; %: porcentagem; N: Número de participantes; X: Sem dados.

Com a análise geral dos resultados obtidos no Fator 2 avaliado pela EVENT, desconsiderando o grau de escolaridade (N=23), 35% (N=8) correspondem ao nível inferior, 48% (N=11) ao nível médio inferior, 4% (N=1) ao nível médio e 13% (N=3) ao nível médio superior da escala (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Dados gerais dos 23 profissionais independentemente do grau de escolaridade referente ao nível de vulnerabilidade ao estresse no trabalho no fator 2 (A Pressão no Trabalho)



O terceiro e último fator avalia os aspectos de infraestrutura e rotina. A média obtida com os profissionais que possuem grau de escolaridade Superior completo e/ou Especialização (Grupo 1: N=14), foi de 7 pontos sendo classificados na escala no nível médio superior de vulnerabilidade. Entre os que possuem Ensino Médio Completo e/ou Técnico (Grupo 2: N=8) foi de 4 pontos, estando no nível inferior da escala. Enquanto o profissional com Ensino Médio incompleto (Grupo 3: N=1) obteve 7 pontos, ficando classificado no nível médio superior da EVENT (Tabela 6).

Tabela 6 - Média das pontuações nos três grupos divididos por grau de escolaridade e seus respectivos níveis de vulnerabilidade ao estresse no trabalho referente ao Fator 3 (Infraestrutura e Rotina) avaliado pela EVENT

Grupo por Grau de Escolaridade	Média das pontuações	Nível de Vulnerabilidade ao Estresse no Fator 3
Ens. Méd. Incompleto	7 pts	Nível Médio Superior
Ens. Méd. Comp. e/ou Técnico	4 pts	Nível Inferior
Sup. Comp. e/ou Esp.	7 pts	Nível Médio Superior

Ens: Ensino; Méd: Médio; Comp: Completo; Sup: Superior; Esp: Especialização; Pts: Pontos;

Assim como nos resultados dos dois fatores anteriores, quando analisados os níveis de vulnerabilidade por grau de escolaridade, há diferenças consideráveis tanto nos resultados obtidos quanto como nos níveis. Entre o Grupo 1, com grau de escolaridade Superior Completo e/ou Especialização, 14% (N=2) classificam-se no nível inferior de vulnerabilidade, 21% (N=3) no nível médio, 14% (N=2) no nível médio superior e 50% (N=7) no nível superior. No Grupo 2, com Ensino Médio Completo e/ou Técnico, 25% (N=2) estão classificados no nível inferior, 25% (N=2) no nível médio, 25% (N=2) no nível médio superior e 25% (N=2) no nível superior. Enquanto o profissional com Ensino Médio incompleto (Grupo 3: N=1) apresentou o nível médio superior de vulnerabilidade ao estresse no trabalho (Tabela 7).

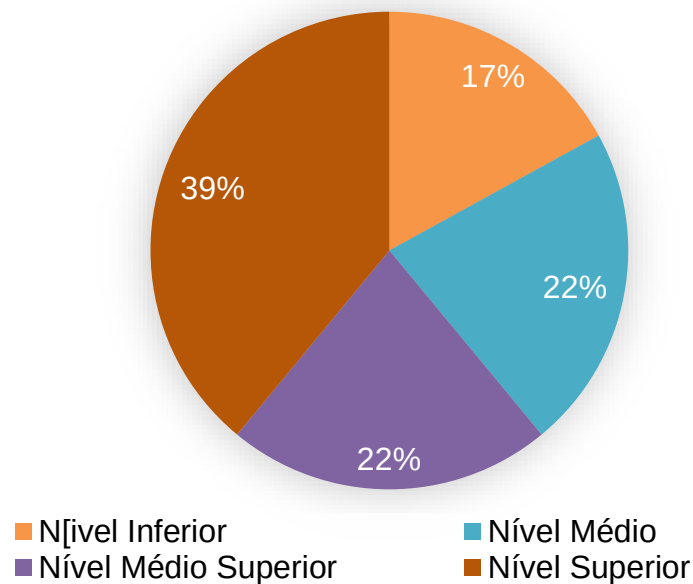
Tabela 7 - Porcentagem de profissionais separados por grau de escolaridade nos níveis de vulnerabilidade ao estresse no trabalho relacionados ao Fator 3 (Infraestrutura e Rotina) avaliado pela EVENT

Fator 3: Níveis de vulnerabilidade ao estresse	Ens. Méd. Incompleto	Ens. Méd. Completo e/ ou técnico	Ens. Sup. Com. e/ou Esp.
Nível Inferior	x	25% (N=2)	14% (N=2)
Nível Médio	x	25% (N=2)	21% (N=3)
Médio Médio Superior	100% (N=1)	25% (N=2)	14% (N=2)
Nível Superior	x	25% (N=2)	50% (N=7)

Ens: Ensino; Méd: Médio; Sup: Superior; Esp: Especialização; %: porcentagem; N: Número de participantes; X: Sem dados.

Nos resultados do terceiro fator, ao analisar de forma geral considerando os níveis apresentados e desconsiderando o grau de escolaridade abrangendo os 23 profissionais avaliados, 17% (N=4) correspondem ao nível inferior, 22% (N=5) ao nível médio, 22% (N=5) ao nível médio superior e 39% (N=9) ao nível superior de vulnerabilidade ao estresse no trabalho (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Dados gerais dos 23 profissionais independentemente do grau de escolaridade referente ao nível de vulnerabilidade ao estresse no trabalho no fator 3 (Infraestrutura e Rotina)



4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Um dos objetivos desta pesquisa foi o de aplicar a Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho (EVENT) em 35 profissionais da Atenção Primária em Saúde que se enquadraram nos critérios de inclusão para a participação. Entretanto, apenas 23 aceitaram participar. Após a aplicação da EVENT em um profissional, Ele perguntou se “era só isso?”, e em seguida explicou que alguns colegas estavam com medo de participar, pois o instrumento utilizado foi um teste psicológico. E esse medo não foi favorável para que fosse possível esclarecer sobre a pesquisa e seus objetivos, assim como o teste utilizado.

Os resultados obtidos foram analisados de acordo com as tabelas normativas para cada grupo de profissões, que está relacionado também ao grau de escolaridade, pois houve diferenças consideráveis quando analisados a partir das tabelas normativas gerais. Os dados do teste como um todo apontaram que os três grupos apresentaram níveis de vulnerabilidade ao estresse: Nível Médio Inferior (Grupo 2 - Ensino Médio completo e/ou Técnico); Nível Médio Superior (Grupo 1 - Ensino Superior completo e/ou Especialização e Grupo 3 - Ensino Médio incompleto).

É válido destacar a importância de a correção ter sido feita com base nas tabelas normativas para cada grau de escolaridade, porque o Grupo 1 teve uma média de 31 pontos e está classificado no nível médio superior, enquanto o grupo 2 teve uma média de 35 pontos e está classificado no nível médio inferior (Tabela 1). Isso corrobora com os autores Arantes e Vieira (2010), os quais pontuam que as pessoas prestadoras de serviços em saúde, em decorrência da exposição a doenças, sofrimento humano independente da causa, contaminação com agentes patológicos e infecto-parasitários, entre outros, os coloca em risco, e pelo contato diário com a população usuária dos serviços e pela imprevisibilidade dos casos a tensão e exaustão física e mental podem emergir, assim como o estresse.

Entretanto, quando analisados os grupos separadamente, foi perceptível uma diversidade considerável nos níveis (Gráficos 1 e 2), desde o nível inferior até o nível superior, podendo ser explicada essa diversidade, que também se fez presente em todos os fatores avaliados, tanto de forma geral quanto isolada, comparando as médias entre os grupo, assim como os resultados dentro de cada grupo, pelo que segundo Cosner *et al* (2003) enfatizaram, a forma com que cada sujeito lida com os agentes estressores. Logo, algo que tem um potencial estressor alto para alguns, para outros pode ser tolerável ou até mesmo passar despercebido. Porém, é importante frisar que nenhum dos participantes desta pesquisa obteve o total geral de 0 pontos na escala, para que assim fosse identificado a ausência da vulnerabilidade ao estresse ocupacional.

Outro objetivo desta pesquisa foi o de identificar quais aspectos organizacionais potencialmente estressores mais se destacaram, tanto em pontuação e nível de vulnerabilidade quanto na frequência dos níveis identificados. Nos três fatores presentes na EVENT, todas as médias dos três grupos apresentaram algum nível de vulnerabilidade desde o inferior até o superior (Tabelas: 2,4 e 6; Gráficos: 3, 4 e 5).

O Fator 1 (Funcionamento e Clima Organizacional) avalia as percepções sobre as condições de trabalho, o ambiente, o desempenho, relacionamento com a chefia, feedbacks, etc. O Grupo 1 ficou classificado no nível médio superior; o grupo 2 no nível médio e o grupo 3 no nível médio inferior (Tabela 2). Os resultados isolados de cada grupo referente a esse fator apresentaram oscilações (Tabela 3), reiterando Cosner *et al* (2003). É importante acrescentar que alguns aspectos citados por Bernal (2010) que se relacionam a este fator foram pontuados pelos participantes: ambientes

de trabalho desagradáveis, constantes mudanças dentro das organizações, falta de oportunidades que possibilitem o desenvolvimento profissional e progressão de carreira, desamparo social, *feedbacks* ou a falta deste, a falta de espaço dos colaboradores nas tomadas de decisões que os afetaram diretamente e relacionamento com os superiores.

O Fator 2 (Pressão no trabalho) foi o único que não apresentou o nível superior de vulnerabilidade da escala. Em contrapartida, dois grupos (Grupo 2 e Grupo 3) foram classificados no nível médio inferior e o Grupo 1 no nível médio superior (Tabela 4). Dos fatores organizacionais citados por Bernal (2010) e que foram identificados na avaliação dos participantes, o excesso de trabalho, assim como a falta dele, decisões e ações que impactam diretamente o colaborador ou seus colegas, responsabilidade, cobranças e sobrecarga de trabalho, etc. Os resultados isolados dos grupos também foram diversos, mas 48% de todos os participantes apresentaram nível médio inferior, 35% nível inferior, 13% nível médio inferior e 4% nível médio (Gráfico 4).

Quanto ao terceiro e último fator (Infraestrutura e Rotina), quando analisado por grupo, o Grupo 1 apresentou a maior frequência no nível superior dentre todos os grupos, quando comparado aos outros dois fatores. Por outro lado, o grupo 2 apresentou uma constância com relação a frequência de participantes, em que os níveis inferior, médio, médio superior e superior tiveram a frequência de 25%, ou seja, duas pessoas por classificação e o Grupo 3 apresentou o nível médio superior (Tabela 7). Aspectos relacionados a mudanças na rotina organizacional como troca de chefia, mudanças ou falta de horários estáveis, acontecimentos imprevisíveis que tendem a interferir na realização do trabalho foram identificados como potenciais estressores, corroborando os estudos de Bernal (2010).

Todos os resultados obtidos, mostraram que os 23 participantes estão vulneráveis ao estresse no trabalho. Isso ocorre, segundo Arantes e Vieira (2010), porque lidar com a saúde, que surte efeitos na vida humana, exige daqueles que o fazem muita cautela e responsabilidade, visto que tais efeitos podem promover a saúde e bem-estar humano em sua integralidade, assim como prejudicar a curto, médio e/ou longo prazo a vida do paciente caso haja algum descuido ou negligência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido ao fato de a Atenção Primária em Saúde (APS) ser a porta de entrada ao Sistema Único de Saúde (SUS), é compreensível que os usuários do sistema, às vezes já emocionalmente sobrecarregados por fatores externos e internos, relacionados ou não com sua enfermidade, procurem tais instituições com o intuito de resolver tal questão que levou sua procura, visto que os objetivos estabelecidos para a APS são: detecção precoce e rastreamento de doenças, redução de riscos (ou manutenção de baixo risco) e também no tratamento, no processo de reabilitação, etc. No entanto, nem sempre esses profissionais estão paramentados com tudo que lhe é necessário para que tais objetivos sejam alcançados e que seus resultados sejam significativamente positivos, o que pode impactar diretamente na saúde física e mental, tanto do paciente quanto dos profissionais envolvidos.

Como evidenciado pela pesquisa, os 23 participantes encontram-se sim em vulnerabilidade ao estresse relacionado ao trabalho, tanto de forma geral observando os resultados como um todo, assim como fatorial (analisando cada um dos três fatores) e grupal, pois mesmo com a alternância entre os níveis individuais e coletivos de vulnerabilidade entre os grupos, em momento algum pode-se afirmar que ao menos um participante não apresentou qualquer nível ou pontuação, nem a menor pontuação chegou a zero.

Cabe ressaltar que os resultados desta pesquisa podem ser utilizados como parâmetro apenas para a população-alvo atuante na instituição da APS onde foram coletados os dados, não podendo ser utilizados como respaldo para afirmar que todos os profissionais da Atenção Primária em Saúde, independente de cidade, região ou estado, estão vulneráveis ao estresse no trabalho, ou quais os fatores são potencialmente estressantes para o sistema como um todo.

Os dados obtidos nesta pesquisa são de extrema relevância, porque podem contribuir significativamente para a identificação dos fatores organizacionais potencialmente estressores na instituição em que foi realizada e servir de respaldo para a criação e implementação de programas de assistência psicológica integral e contínua individual e/ou coletiva. Este último, com foco na resolutividade de conflitos emergentes no ambiente de trabalho, que possibilite reflexões e planejamento de medidas aplicáveis no sentido de promover melhores condições de trabalho com

menor risco de sofrer com o estresse ocupacional em um ambiente de trabalho disfuncional. Assim como treinamento da equipe gestora quanto à gestão de pessoas e formas de liderança, que concomitantemente, proporcionarão no ganho da equipe e da população quanto a qualidade dos serviços recebidos e nas relações entre profissionais e pacientes; entre colegas de trabalho e entre profissionais e equipe gestora. É importante acrescentar, a necessidade de um aprofundamento quanto a este fenômeno nos profissionais da APS, a partir de outros métodos de pesquisa, e também com uma abrangência populacional maior.

REFERÊNCIAS

ARANTES, M. A. A. C; VIEIRA, M. J. F. **Estresse**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 3. ed. (Coleção clínica psicanalítica; 19 / dirigida por Flávio Carvalho Ferraz), 2010.

BALLONE, G. J. **Estresse**: em geral e no trabalho. Curso de Psicopatologia, nº 4, 2001.

BERNAL, A. O. **Psicologia do trabalho em um mundo globalizado**. Artmed (tradução Juliana dos Santos Padilha), 2010.

COSNER, A.F; MARGIS, R.; PICON, P.; SILVEIRA, R. O. **Relação entre estressores, estresse e ansiedade**. Revista de Psiquiatria, 25, 65-74, 2003.

GANDRA, A. **Pandemia aumentou estresse em profissionais da saúde, afirma pesquisa**. Rio de Janeiro. Agência Brasil, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/202111-04/pandemia-aumentouestresse-em-profissionais-da-saude-afirma-pesquisa> acesso em 03 de out. 2022

GOMES, T. D. S; PUENTE-PALACIOS, K. E. **Estresse ocupacional, um fenômeno coletivo**: evidências em equipes de trabalho. Brasília: Revista Psicologia: Organizações e Trabalho, 18 (4), 485-493, 2018.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. **Workplace stress**: a collective challenge. Turin, Itália: Internacional Labour Organization, 2016. Disponível em: https://www.ilo.org/safework/info/publications/WCMS_466547/lang-en/index.htm acesso em 14 de set.de 2022

LIPP, M. E. N; MALAGRIS, L. E. N. **O stress no Brasil de hoje**. Campinas-SP, M. N Lipp (org), O stress no Brasil: pesquisas avançadas (pp. 215-222), 2004.

MARQUES, F. **Pesquisa mostra impacto da pandemia na saúde mental de profissionais da saúde**. Brasília-DF, Fiocruz Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/pesquisa-mostra-impacto-da-pandemia-na-saude-mental-de-profissionais-dasaude/#:~:text=Um%20relat%C3%B3rio%20parcial%20dos%20resultados,33%2C8%25%20dos%20participantes> acesso em 14 de set. de 2022

MARRAS, J. P; VELOSO, H. M. **Estresse ocupacional**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MATOS, R. L; ARAÚJO, M. R. M. **Vulnerabilidade ao estresse e estratégias de enfrentamento**: um estudo comparativo no ambiente hospitalar. Campo Grande: Rev. Saúde, v. 13, n. 2, 65-81 p, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s2177093x2021000200006&lng=pt&nrm=iso acesso em: 03 de out. 2022

MINISTÉRIO DA SAÚDE; SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE; DEPARTAMENTO DE ATENÇÃO BÁSICA. **Política nacional de atenção básica**. Brasília: Ministério da Saúde, Normas e Manuais Técnicos, Série Pactos pela Saúde, v. 4, 2006.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Estresse**. Brasil: Biblioteca Virtual em Saúde, 2012. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/estresse/> acesso em 21 de set. de 2022

RINALDI, A. **OMS coloca o estresse ocupacional como um fator social**. Brasil. FUNDACENTRO, 2007. Disponível em: <https://www.gov.br/fundacentro/pt-br/comunicacao/noticias/noticias/2007/7/oms-coloca-o-estresse-ocupacional-como-um-fator-social> acesso em 14 de set. de 2022

SISTO, F. F; BATISTA, M. N; SANTOS, A. A. A; NORONHA, A. P. P. **Escala de vulnerabilidade ao estresse no trabalho (EVENT)**. São Paulo. Ed. vetor, 2007.

SISTO, F. F; BATISTA, M. N; SANTOS, A. A. A; NORONHA, A. P. P. **Análise fatorial da escala de vulnerabilidade ao estresse no trabalho (EVENT)**. México: Psicologia para América Latina, (15). 2008. Disponível http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1870350x2008000400011&lng=pt&lng_pt acesso em 15 de out. de 2022.